

Brasil produz kit para teste da Aids

O primeiro Kit de fabricação nacional para a identificação de anticorpos do vírus HTLV-3/LAV (responsável pela Aids) acaba de ser produzido pela Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Trata-se do teste de imunofluorescência indireta que possui um alto grau de especificidade, ou seja, por ser pouco sensível é normalmente usado como teste final para confirmação da suspeita de Aids.

As pesquisas da Fundação tiveram início em dezembro último logo após a instalação de capelas de segurança biológica pela Veco do Brasil, empresa especializada em controle de contaminação submicrônica. As capelas, dotadas de fluxo laminar e de filtros absolutos que apresentam uma eficiência de 99,97% de retenção de partículas de até 0,3 microns, tornaram possível o manuseio de uma linhagem celular infectada (doada pelo Instituto Nacional

de Saúde dos Estados Unidos) sem riscos de contaminação do material e para os próprios operadores.

As primeiras unidades já foram encaminhadas ao Instituto Bio-Manguinhos (também no Rio de Janeiro) que, será responsável pela produção do kit diagnóstico em larga escala, com o objetivo exclusivo de suprir as necessidades dos laboratórios e bancos de sangue da rede de saúde pública nacional, que não dispõem de qualquer forma de diagnóstico e controle da Aids. O Bio-Manguinhos estima que a rede pública comece a receber os testes a partir do fim desse ano. Atualmente a Fundação Oswaldo Cruz está desenvolvendo os testes Elisa (indicado para triagens de amostras em banco de sangue, pelo seu alto grau de sensibilidade) e Western Blot (que possibilita um diagnóstico mais sofisticado).

GRAVE LACUNA

Atualmente os únicos testes para detecção da Aids disponíveis no mercado brasileiro são kits importados da França, EUA, e Inglaterra, que alcançam preços proibitivos para o uso na rede de saúde pública. Cada kit possibilita cerca de 90 testes do tipo Elisa, a um preço unitário que oscila entre 450 a 600 mil cruzeiros. Esse fato afastou definitivamente os testes importados das amostras de sangue distribuídos pelos postos de saúde pública, comprometendo qualquer projeto de controle da doença. O Instituto Adolf Lutz, em São Paulo, também se prepara para iniciar suas pesquisas em busca dos testes de imunofluorescência e Elisa. Utilizando o mesmo tipo de capela, o Adolf Lutz pretende criar em seu próprio laboratório uma linhagem celular infectada.